

Operação Compliance Zero

Fachin impõe regras à PF

Presidente do STF determina que todas as citações aos ministros devem ser enviadas em caráter “estritamente descritivo”

» RENATO SOUZA

O ministro Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal (STF), afirmou ao diretor geral da Polícia Federal, Andrei Rodrigues, que todas as citações a ministros que forem identificadas no caso do Banco Master “devem ser enviadas, sem exceção” para a Corte. A determinação ocorreu ontem, durante reunião realizada à portas fechadas. Além disso, Fachin reforçou que as informações devem ter caráter “estritamente descritivo”. O encontro ocorreu em meio à crise institucional entre o Judiciário e a PF, turbinada pelas revelações da investigação que apura o esquema montado por Daniel Vercaro.

“O presidente esclareceu que a eventual realização de atos de investigação de ministro depende de autorização do Plenário da Corte, observadas as disposições constitucionais, legais e regimentais aplicáveis. Ressaltou que a autoridade policial tem o dever de encaminhar todas as menções encontradas sem exceção, acompanhadas de seu contexto, em caráter estritamente descritivo”, destacaram o Supremo e a PF, em nota conjunta.

Na reunião, foi ressaltado que a abertura de investigação contra ministros será decidida pelo plenário. “Uma vez apresentados os elementos necessários, o Plenário do Supremo Tribunal Federal, ouvida a Procuradoria-Geral da República (PGR), pode deliberar nos termos do artigo 33, parágrafo único, da Lei Complementar 35/1979”, ressalta o texto da nota.

A crise envolve ministros do Supremo, como André Mendonça e Alexandre de Moraes, que promovem um racha no plenário da Corte. Além disso, a atuação de Mendonça em casos importantes, como o do Master, levanta suspeitas de investigadores da PF. O magistrado

Gustavo Moreno/STF.



Fachin (D) recebe Andrei Rodrigues (C) no STF: presidente da Corte definiu parâmetros para a PF em meio à crise entre Mendonça e Moraes

é criticado, nos bastidores, por supostamente atrasar decisões sobre pedidos feitos pelas equipes policiais, além de não apreciar pedidos que foram encaminhados.

A conduta de Mendonça repercutiu até na campanha eleitoral. Aliados de Lula criticaram o ministro quando veio a público, em setembro, de que ele havia determinado em julho a abertura de um inquérito sobre o envolvimento de Flávio Bolsonaro no financiamento ao filme *Dark Horse*, cinebiografia em homenagem a Jair Bolsonaro.

A investigação estava em sigilo e só foi revelada após o presidente do STF, Edson Fachin, ordenar o levantamento do sigilo dos documentos relativos ao caso. Fachin

também avocou para si a relatoria do caso Master.

INSS e Master

Ainda em relação ao diálogo institucional com a direção da PF, a nota do STF destacou que, no encontro entre Fachin e Rodrigues, foram abordados aspectos das investigações relacionadas ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e ao Banco Master, com especial atenção à observância das competências constitucionais, das garantias processuais e das atribuições próprias da Polícia Federal, do Ministério Público e do Poder Judiciário.

“No ponto especificamente, a Presidência registrou que aguarda

pronunciamento da Procuradoria-Geral da República na Petição (PET) 16704 para o fim de levar a efeito os encaminhamentos devidos, inclusive com relação a pedidos a serem analisados”, ressalta o texto. O regimento interno do Supremo prevê que investigações contra magistrados precisam ser validadas pelo colegiado. As diligências devem ser paralisadas quando a citação a um ministro ocorre.

Fake News

Em meio à crise entre os magistrados, Fachin também avocou para si a relatoria do inquérito 4781, mais conhecido como Inquérito das Fake News, aberto em 2019 para apurar

notícias falsas e ataques contra a Corte. A diligência era conduzida inicialmente pelo ministro Alexandre de Moraes, mas ele foi removido do caso após incluir no processo um pedido de investigação contra o ministro André Mendonça.

Andrei Rodrigues ressaltou que a corporação dará andamento para encerrar eventuais diligências que ainda estão presentes para que o Supremo possa analisar de maneira definitiva o futuro do inquérito. “O presidente solicitou celeridade da Polícia Federal para o fim de examinar e decidir a conclusão do Inquérito (INQ) 4781, tendo a Polícia Federal adiantado que analisará as eventuais diligências pendentes”, conclui a nota conjunta.

LEGISLATIVO

Motta articula reeleição na Câmara

» ARMANDO HOLANDA

A movimentação do presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB), para garantir sua reeleição ao comando da Casa ganhou força entre os partidos de centro. Nos bastidores, líderes partidários avaliam que o parlamentar paraibano reúne condições para construir uma maioria expressiva, mesmo diante do avanço do PL, que elegeu 121 deputados federais e sinalizou interesse em disputar a presidência da Câmara. A estratégia passa pela manutenção de um bloco de centro, capaz de preservar espaços de poder e ampliar a influência dessas legendas na próxima legislatura.

Entre caciques do Centrão, o sentimento predominante é favorável à recondução de Motta. Interlocutores de legendas ouvidos pelo **Correio** apontam que a ampla maioria da bancada tende a apoiar o atual presidente, sobretudo diante

da necessidade de preservar posições estratégicas na estrutura da Câmara. A avaliação é de que Motta terá relativa facilidade para consolidar os votos necessários à reeleição, desde que consiga manter a unidade das principais siglas do centro.

O cálculo entre emedebistas, por exemplo, leva em consideração os espaços conquistados durante a atual gestão. Parlamentares do partido assumiram relatórios do Orçamento, ganharam protagonismo em discussões na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) e participaram da condução de projetos prioritários na área da educação. Nos bastidores, essas posições são apontadas como exemplos de uma articulação que garantiu influência às bancadas e que pode pesar na decisão sobre a próxima presidência da Câmara.

“Meu voto será seu”

O movimento também ganhou

um apoio público ontem. Durante encontro com parlamentares do PSD, o líder da bancada, Antônio Brito (BA), anunciou seu voto pessoal em Motta, mas ponderou que a posição ainda não representa uma decisão coletiva da legenda. “A bancada não me autorizou a apostar ainda na sua candidatura à Presidência. Meu voto pessoal será seu, o resto vai ter que ser construído”, afirmou. O parlamentar destacou a necessidade de ouvir os integrantes do partido antes de formalizar um eventual apoio.

Em resposta, Motta defendeu a união das legendas de centro como condição para preservar sua influência diante da nova composição do Congresso. “Compreendo o que foi o resultado das urnas, como é que nós vamos sobreviver nessa selva política e neste país tão radicalizado que ainda nós não sabemos qual vai ser o resultado da eleição no dia 25”, declarou. Para o presidente da Câmara, a manutenção

da aliança é “vital” para que essas siglas continuem exercendo protagonismo nas decisões legislativas.

A avaliação de Motta converge com a leitura feita por dirigentes do MDB. A eleição da Mesa Diretora, prevista para o início de 2027, é vista como uma oportunidade para reorganizar o Centrão e construir uma frente de proteção dos interesses partidários. O objetivo é preservar a capacidade de negociação dessas legendas, sobretudo na distribuição das comissões, na escolha de relatores e na definição das matérias que serão levadas à votação.

Ao defender a continuidade do bloco, Motta ressaltou que a união dos partidos de centro pode ser determinante para os rumos da Câmara. “Quando esse centro político se junta, decide o que será aprovado, o que será pautado e o que será feito aqui no Parlamento”, afirmou. O presidente também indicou que tem procurado outras legendas

Bruno Spada/Câmara dos Deputados

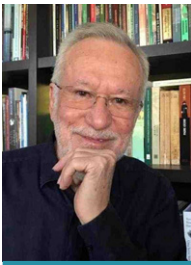


Motta: união do centro é essencial para sobreviver na “selva política”

para ampliar a articulação e disse identificar sentimento semelhante entre Republicanos, Progressistas, Podemos, MDB e PSDB.

Entre lideranças do centro, a avaliação é de que a fragmentação dessas bancadas poderia reduzir seu poder de negociação diante

de um PL fortalecido nas urnas. A construção de uma candidatura de consenso, por outro lado, permitiria ao grupo manter o controle de espaços estratégicos e chegar à próxima legislatura com maior capacidade de influenciar a agenda política da Câmara.



ALEXANDRE GARCIA

NÃO ERA GENTE PACÍFICA. ERA GENTE COM ÓDIO. A PAULISTA CHEIA MOSTROU PARA OS INDECISOS, FORÇA E PODER. MAS TAMBÉM SERVIU PARA O MESMO PÚBLICO DE MOSTRA E ALERTA: COMO NA PAULISTA, ASSIM NO BRASIL

Paulista assustadora

Domingo a Avenida Paulista estava cheia. Mas não é por isso que foi assustadora. E, sim, pelo recado que deixou. Lula talvez não queira portar-se como um candidato maçoquista. Mas seus atos e declarações mostram que de fato tem sido. Talvez inconscientemente, concluiria Freud, como forma de evitar o ônus terrível de receber sua própria herança, ou talvez como forma

de buscar logo a aposentadoria, ao entrar nos 80 anos e ir descansar com a Janja. O evento de domingo na Paulista mais assustou o brasileiro eleitor e mais estimulou uma votação anti-Lula.

Os organizadores só anteviram perigo em relação a Ana Elisa; por isso evitaram que ela estivesse lá. A moça já havia deixado nas redes o ódio aos brancos, às igrejas, aos

crentes, a Frei Gilson; e apoio ao aborto livre, à censura de Moraes contra as redes, entre outros radicalismos. Evitaram Ana Elisa, mas não conseguiram evitar Janja, embora a pressão que fizeram em reuniões do pós primeiro turno. E ela fez discurso pedindo para trocar as armas pela Constituição nas mãos das crianças. Foi irônico, porque nunca se soube que ela tenha insistido com o marido para que cumprisse o juramento solene de defender a Constituição, quando tantas vezes a Lei Maior foi rasgada

por mãos do Supremo e Lula ficou omissos — e perjuro.

Tristes figuras, puseram, para supostamente atrair votos, derrotados no primeiro turno: Hadad, Marina, Tebet, além de Lula e Alckmin. Vitoriosos distantes vieram trazer seus eflúvios: governadores Jerônimo, da Bahia; Fontelles, do Piauí; e Elmano, do Ceará. Ao apresentar Elmano, Lula gabou-se de que o reeleito havia enterrado a carreira de Ciro Gomes. Com isso, provocou Ciro, que teve 2,5 milhões de votos no Ceará; agora declarou que

vai trabalhar por Flávio, que teve 1,75 milhão e ganhou a chance de aumentar bastante seu acervo de votos no segundo turno, por estímulos de Lula.

O pior foi no fim. A explosão do ódio divulgadas nas redes. Já separei o que não foi desse domínio. Um jovem munido de um machete tocou fogo na bandeira americana; outro pisoteou o símbolo da maior democracia do planeta. Um jovem de torso nu e rosto coberto, agitava uma bandeira palestina sobre o teto de uma estação de metrô

que estava sendo vandalizada. Imitou o gesto icônico que se repete desde Paris 1968. Uma senhora foi retirada de uma lanchonete protegida pela polícia, porque estava sendo ameaçada. Os gritos contra ela são um aviso sobre o ódio que estava municionando as mãos que atacaram a estação do metrô. Não era gente pacífica. Era gente com ódio. A Paulista cheia mostrou para os indecisos, força e poder. Mas também serviu para o mesmo público de mostra e alerta: como na Paulista, assim no Brasil.